



## Paulo Mendes Campos: o poeta do cotidiano urbano

Giovana Chiquim<sup>1</sup>

Resenha de: CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acaba**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

O poema em prosa, propriamente dito, como gênero literário, firmou-se em 1855, a partir da obra de Baudelaire, que concebeu uma série de peças curtas, não metrificadas nem rimadas, mas de intenso teor poético. No Brasil, o cronista Paulo Mendes Campos parece herdar essas características literárias, como vemos em “*O amor acaba – crônicas líricas e existenciais*”, publicado em 2013 pela Companhia das Letras. A seleção e a apresentação são de Flávio Pinheiro e o posfácio é assinado por Ivan Marques.

O título da obra, de 280 páginas, é homônimo a uma das 74 crônicas apresentadas, publicada inicialmente na Revista Manchete, em 16 de maio de 1964. Os leitores que já viveram a desilusão do amor podem ler na história inventada a sua própria história. Paulo Mendes Campos enaltece a fragilidade e a efemeridade do amor, um sentimento sem explicação que começa a pulsar, de repente, e que acaba num instante, “mecanicamente no elevador, como se lhe faltasse energia” (2013, p. 23).

O escritor dá pistas sobre a dissolução do sentimento que vai “caindo no beijo de ir e vir” (CAMPOS, 2013, p. 24); “no desenlace das mãos no cinema, como tentáculos saciados, e elas se movimentam no escuro como dois polvos de solidão, como se as mãos soubessem antes que o amor tinha acabado” (2013, p. 23); ou “quando a alma se habitua às províncias empoeiradas da Ásia” (2013, p. 25). Nas entrelinhas, na opinião do cronista, o final do amor começa quando os casais se habitam a uma rotina enfadonha e entediante.

De acordo com Flávio Pinheiro, “O amor acaba” provocou reações imediatas e rendeu a réplica “O amor começa”, escrita por José Carlos de Oliveira. A crônica foi publicada em resposta a Paulo Mendes Campos na mesma semana, no Jornal do Brasil, e também pode ser conferida nesta obra, na página 279. Diz Oliveira:

---

<sup>1</sup>Giovana Chiquim é doutoranda em Letras, concentração em estudos literários, no Programa de Pós-Graduação em Letras, na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

E quando começa o amor, Paulo? Quando você chega. Quando um cálice quebra e o licor se derrama nuns joelhos, o amor pode começar. Quando as linhas do telefone se cruzam e um susto resplandece lado a lado. Quando ele encontra em si antenas para ver quem está usando saltos pela primeira vez (2013, p. 279).

Apesar do vínculo embrionário com o jornal, que privilegia os acontecimentos factuais e extraordinários nas notícias e manchetes, a crônica é um momento de refrigério para os leitores, que permite a discussão de questões existências, como vimos nas narrativas que discutem o amor, um assunto universal, interessante para leitores de todas as idade e de todos os tempos.

Paulo Mendes Campos parece apreciar os comportamentos humanos. Em “Ser brotinho”, uma de suas crônicas mais conhecidas, publicada em outras antologias, o escritor enaltece o caráter volúvel e ao mesmo tempo fulgurante das adolescentes:

Ser brotinho é poder usar óculos escuros como se fosse enfeite, como um adjetivo para o rosto e para o espírito. É esvaziar o sentido das coisas que transbordam de sentido, mas também é dar sentido de repente ao vácuo absoluto. É aguardar com paciência e frieza o momento exato de vingar-se da má amiga. É ter a bolsa cheia de pedacinhos de papel, recados que os anacolutos tornam misteriosos, anotações criptográficas sobre o tributo da natureza feminina, uma cédula de dois cruzeiros com uma sentença hermética escrita a batom, toda uma biografia esparsa que pode ser atirada de súbito ao vento que passa. Ser brotinho é a inclinação do momento  
(CAMPOS, 2013, p. 29).

As palavras de Paulo Mendes Campos são capazes de transportar o leitor, pois ele consegue criar imagens e atribuir significados às frases. Isso porque, o escritor aborda personagens palpáveis, cuja existência pode ser comprovada.

Além dos devaneios existenciais, a aquarela de cores do cronista apresenta outros matizes, como as biografias ligeiras e singelas. Antonio Cândido (1992), já havia observado que Paulo Mendes Campos é especialista em biografias líricas, como “O cego de Ipanema”. O homem é descrito na narrativa como branco, moço e alto. Tinha a barba

espessa de cor preta, andava de tamancos e morava em uma garagem. Apesar da cegueira, fazia chaves perfeitas e consertava fechaduras. O cronista conta que sempre o via na esquina, quando o homem parava para atravessar a rua. Costumava inclinar a cabeça para o lado, para ouvir os sons dos carros. Esperava o silêncio para atravessar com segurança. Na visão de Paulo Mendes Campos, os cegos são especiais,

habitantes de um mundo esquemático, sabem onde ir, desconhecendo nossas incertezas e perplexidades. Sua bengala bate na calçada com um barulho seco e compassado, investigando o mundo geométrico. A cidade é um vasto diagrama, de que ele conhece as distâncias, as curvas, os ângulos. Sua vida é uma série de operações matemáticas, enquanto a nossa costuma ser uma improvisação constante, uma tonteira, um desvario. Sua sobrevivência é um cálculo (CAMPOS, 2013, p. 31).

Onde estaria o cego de Ipanema? Teria morrido ou adoeceu? Esta era a preocupação de Paulo Mendes Campos, que originou a narrativa. Podemos observar que a crônica está na contramão da notícia, que valoriza os acontecimentos extraordinários. O gênero joga luz em personagens ordinários, que fazem parte do universo do escritor. Jorge de Sá (2005) destaca que o jornalismo preocupa-se basicamente com a notícia, com o fato em si. As pessoas que participam da cena ficam em segundo plano. Para o teórico, Paulo Mendes Campos acreditava que a função do jornal era abrir uma porta para o mundo. Nesse sentido, a crônica “ensina o leitor a ver mais longe, muito além do factual. Isto só é possível, quando o fato, os personagens e a preocupação estética revelada na estruturação do texto se associam para que o resultado final alcance a empatia do leitor” (SÁ, 2005, p. 56). Paulo Mendes Campos tece narrativas curtas e poéticas, cujo cenário é o cotidiano urbano. Nesse sentido, observamos no escritor o comportamento de *flanêur*<sup>2</sup>, nos moldes de Charles Baudelaire. A linguagem metafórica empregada por Paulo Mendes Campos contribui para a elaboração de um texto lírico, que nos remete à prosa-poética do poeta francês, na qual a cidade, os temas eminentemente urbanos, as avenidas e as multidões, também aparecem constantemente, como em “Sobrevoando Ipanema”:

---

<sup>2</sup>Em seus ensaios sobre a obra do poeta francês, Walter Benjamin (1994) chama a atenção para a figura do *flanêur*, com um prazer quase voyeurístico, comprazia-se em observar refletidamente os moradores da cidade em suas atividades diárias.

Era uma quinta-feira de maio e a gaivota vinha das Tijucas, em voo quase rasante, sobre a falésia da Avenida Oscar Niemeyer, longas asas armadas na corrente aérea que virava do Sul, lenta levando o seu corpo leve e descarnado, seu esqueleto pontiagudo, geometricamente estruturado para reduzir ao mínimo a resistência do mar e da água. À esquerda, rochas morenas e suadas, um pouco mais acima, os automóveis coloridos (CAMPOS, 2013, p. 101).

Sem dúvidas, o lirismo é o traço mais marcante da crônica de Paulo Mendes Campos. O escritor transforma em poesia as migalhas da vida que passa e torna o cotidiano “épico”. O lirismo embutido na prosa de Paulo Mendes Campos contribui para a transcendência da crônica, capaz de driblar a efemeridade do seu veículo de origem quando é transportada para as páginas dos livros.

Paulo Mendes Campos demorou para decidir-se sobre a profissão: quase foi dentista, piloto, advogado e veterinário, flertou com a sociologia e a estatística, mas só tirou o diploma de datilografia. Foi o que lhe bastou. Sua formação errática ampliou sua bagagem cultura. Além dela, sua sensibilidade diante do mundo e das pessoas lhe permitiu lapidar um estilo raro e particular no universo da crônica. Apesar de tratar o ofício como um “ganha-pão”, Paulo Mendes Campos se destacou entre os cronistas de seu tempo, como Rubem Braga, Fernando Sabino e Carlos Drummond de Andrade, e foi o mais erudito entre eles.

Paulo Mendes Campos nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 28 de fevereiro de 1922. Ao longo de sua carreira publicou 15 livros e teve passagens em jornais como o Diário Carioca e Jornal do Brasil, além da Revista Manchete. Paulo Mendes Campos também dedicou-se à poesia e às traduções de poemas de T.S. Eliot, James Joyce, Paul Verlaine, García Lorca, entre outros. Paulinho, como era chamado carinhosamente, morreu em 10 de junho de 1991.

## **Bibliografia**

CANDIDO, Antonio et alii. **A crônica: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura/Walter Benjamin**. 7.ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CAMPOS, Paulo Mendes. **O amor acaba**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Editora Ática, 2013.